

2014 / 1

Celpe *Bras*

Parte Escrita
**Caderno de
Questões**

**Certificado de Proficiência
em Língua Portuguesa
para Estrangeiros**

1. Material do exame

A Parte Escrita compõe-se de um Caderno de Questões, contendo os enunciados das tarefas e uma folha de rascunho para cada tarefa, e de um Caderno de Respostas. Verifique se eles estão completos.

Ao concluir a Parte Escrita, devolva os dois cadernos aos aplicadores.

2. Identificação

Confira seus dados e assine seu nome na capa do Caderno de Respostas. **Mas, atenção,** as demais páginas **não podem conter seu nome e/ou sua assinatura.**

3. Tempo

A Parte Escrita do exame tem a duração de **3 horas**, assim distribuídas:

Tarefa 1 (vídeo): **30 minutos**, incluída a exibição do vídeo;

Tarefas 2 (áudio), **3** e **4** (textos escritos): **2 horas e 30 minutos**, incluída a escuta do áudio e a leitura dos textos escritos.

Se você não terminar a **Tarefa 1** no tempo indicado, poderá voltar a ela no decorrer da Parte Escrita.

4. Instrumentos de escrita

As respostas devem ser escritas à **caneta esferográfica azul ou preta**. Rasuras só serão aceitas se não dificultarem a leitura do texto. As respostas que apresentarem uso de corretivo ou que tiverem sido feitas a lápis **serão anuladas**.

5. Rascunhos

O rascunho deverá ser feito nas páginas 3-5-7-9 do Caderno de Questões.

6. Legibilidade das respostas

As respostas devem ser escritas com **letra legível**.

7. Espaço para respostas

As respostas deverão limitar-se aos respectivos espaços reservados no Caderno de Respostas. Textos escritos no Caderno de Questões, em folhas trocadas do Caderno de Respostas ou no verso dos espaços reservados no Caderno de Respostas **não** serão corrigidos, resultando na invalidação das respectivas tarefas.

Você vai assistir duas vezes a um vídeo sobre o café, podendo fazer anotações enquanto assiste.

Você é publicitário e foi contratado para produzir o texto de apresentação do cardápio de uma cafeteria. Com base nas informações do vídeo, escreva o texto de apresentação desse cardápio, inserindo curiosidades sobre o café e destacando as características de um café especial.

Anotações

ANOTAÇÕES

A Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre está premiando ações bem-sucedidas na área social. Como chefe da Biblioteca Comunitária Ilê Ará, você acredita que a iniciativa de levar livros a sua comunidade merece ser premiada. Assim, escreva uma carta de apresentação do trabalho realizado por vocês, no Morro da Cruz, direcionada à comissão julgadora do prêmio. Em seu texto, descreva a iniciativa e explique por que ela merece ser premiada.



BAGAGEM VALIOSA
No sobe e desce do bairro de Porto Alegre, Alves semeia cultura

O morro e as malas

Se os leitores não visitam as bibliotecas, que tal levar os livros até a casa deles?

BEATRIZ VICHESSI, de Porto Alegre, RS bvichessi@abril.com.br

Encontrar um morador do Morro da Cruz, em Porto Alegre, com destino ao aeroporto e à rodoviária não é, definitivamente, algo comum. A região é um dos pontos carentes da capital gaúcha, o que faz com que boa parte de seus habitantes nunca viaje – e conheça apenas as redondezas e, ainda por cima, a pé.

Apesar disso, ver pessoas puxando malas para cima e para baixo é corriqueiro. Em vez de roupas, calçados e outros objetos essenciais para viajantes, elas carregam livros, levados de casa em casa pelos funcionários da biblioteca comunitária Ilê Ará. “Visitar as residências foi o melhor tipo de comunicação para conquistar leitores e divulgar os eventos que realizamos, como os cafés literários. Dá muito mais resultado do que distribuir

panfletos”, explica Maurício Alves, 22 anos, funcionário da biblioteca.

A ideia faz todo sentido: além de os moradores não terem o hábito da leitura, a geografia da área não facilita. Para chegar à biblioteca Ilê Ará, expressão da língua africana iorubá que significa “casa do povo”, é preciso fôlego. Ela fica no ponto mais alto do Morro da Cruz – que tem 120 metros de altura – e a subida é bastante íngreme. Debaixo do sol escaldante do meio-dia, percorrer o caminho desconexo, cheio de becos e ruas estreitas, é um grande desafio, que os funcionários tiram de letra – afinal, nasceram e cresceram no local.

No início, eles iam até a casa de conhecidos para facilitar a abordagem. Com o passar do tempo, ampliaram a

visitação para outros moradores. “O segredo é fazer mais que uma apresentação do trabalho que realizamos. É conhecer as pessoas e não ter a vergonha de conversar sobre a vida, perguntar o que gostamos de fazer. Um bom papo sempre cativa e abre portas”, fala Paulo Centurion, 22 anos, companheiro de Alves nas andanças pelo morro. Ele conta que até quem diz que não é muito fã de leitura acaba ficando com alguns livros. “Por isso, é importante recheiar as malas com muita variedade e não se deixar vencer pelo primeiro ‘não’”, diz o rapaz. Com livros de receitas culinárias, ele já conquistou várias donas de casa, que agora também saboreiam as histórias escritas por autores consagrados, como Jorge Amado.

E quando a visita não rende empréstimo de jeito algum? Por que nada agrada? “A gente anota o pedido ou volta outro dia com novas ofertas”.

Hoje, muitos moradores sobem até o alto do morro para escolher o que querem ler, movimentando 1,2 mil empréstimos por mês. Cinco malas circulam na área, com parte dos 5 mil títulos de acervo. Às vezes, inclusive, saem da biblioteca carregadas por gente miúda como Gabriela Souza da Rosa, 11 anos.

Durante minha estada na cidade, lá estava ela, montando por conta própria uma das bagagens para sua família. “Já sei que meus pais e minha irmã gostam mais de romances, poesia, contos de fada e gibis. Então, venho aqui, monto uma mala e levo para casa”, diz.

A garota é filha de uma auxiliar de limpeza e de um varredor de rua. Por passarem o dia todo fora, os pais dela não conseguem ir à biblioteca. Olhando as estantes, Gabriela seleciona alguns volumes e vai organizando a mala. Enquanto alcanço uma das prateleiras mais altas para ajudá-la, tento – ainda que mentalmente – me livrar do clichê “ler é viajar sem sair do lugar”. Mas é inevitável. Na Ilê Ará, essa máxima é levada à risca.

QUER SABER MAIS?

Contato
Biblioteca Comunitária Ilê Ará,
R. Santo Alfredo, 1249, 91520-550
Porto Alegre, RS, tel. (51) 3318-3125

Como colunista da seção “Última Palavra” da Revista IstoÉ, você decidiu escrever um texto colocando-se na posição do taxista mencionado na crônica “GPS”, de Zeca Baleiro. No texto, narre a sua versão dos fatos, posicionando-se em relação ao uso da tecnologia na sociedade atual.

Zeca Baleiro

cantor e compositor

Última palavra



Conheço pessoas que não se deslocam mais à esquina para comprar pão sem que façam uso de GPS, Google Maps e o escambau

GPS

Entrei no taxi e falei o meu destino.

– Rua Araribóia, por favor.

– Araribóia? Espera um minuto!... – rebateu o homem.

Programou então o GPS e arrancou.

– Não precisa de GPS, amigo. Sei mais ou menos onde fica. Posso lhe orientar.

– Ah, não. Não saio mais de casa sem isto – declarou.

Resmunguei em silêncio. E lá se foi o taxista seguindo seu brinquedinho falante – “vire à esquerda”; “a 50 metros você vai virar à direita”; “daqui a 300 metros faça o retorno à esquerda”...

De repente, entre uma e outra prosa, vi ele se afastando da direção que eu julgava ser a correta.

– Amigo, acho que você está na direção contrária.

Tinha que ter entrado naquela rua à direita, melhor fazer o retorno na frente.

– Não, não, olha aqui – apontou pra geringonça, orgulhoso como ele só. É esse mesmo o caminho.

Cocei a cabeça irritado. Embora eu não soubesse exatamente qual trajeto a seguir, sabia que aquele caminho que ele fazia era estupidamente mais longo e complexo.

Argumentei mais uma vez, já na iminência de explodir.

– Moço, desculpe, mas tenho quase certeza que você está fazendo um caminho muito mais longo do que devia.

– Não esquentar a cabeça não, companheiro. Tá aqui no GPS, ó. Não vou discutir com a tecnologia”.

Sim, eu havia ouvido aquilo. E mais que uma frase de efeito de

um chofer de praça, aquilo era uma senha que explicava muita coisa, talvez explicasse até toda uma época. O sujeito deixava de lado sua inteligência (se é que a tinha), a experiência de anos perambulando a bordo do seu táxi pelas quebradas da cidade e o próprio poder de dedução para seguir uma engenhoca surda e cega – mas “tecnológica” – sem questioná-la, e sem que eu também pudesse fazê-lo.

Não quero parecer um dinossauro (embora por vezes eu inevitavelmente pareça), mas sempre defendi um uso inteligente, comedido e crítico dos apetrechos eletrônicos. Conheço pessoas que, por comodidade, condicionamento ou deslumbramento com o novo mundo cibernético, não se deslocam mais à esquina para comprar pão sem que façam uso de GPS, Google Maps e o escambau.

Tenho um sobrinho, um pensador irreverente de botequim, que gosta de dizer o seguinte:

– As rodas de bar ficaram muito chatas depois do iPhone. Ninguém mais pode ter dúvida alguma. Se alguém perguntar: “como é o nome daquele cantor que cantava aquela música?”; ou então: “quem era o centro-avante da seleção de 86?”, logo algum bobo alegre vai acessar a internet e buscar a resposta. E aí acabar com a graça, a mágica e o mistério... Não sobra assunto pro próximo encontro.

Outro amigo filósofo de padaria, tem uma tese/profecia tenebrosa sobre o uso sem critério dos tecnobreguetes: Diz ele:

– Num futuro próximo, as pessoas deixarão de ter memória. Para que lembrar, se tudo caberá num HD externo?

É. Faz bastante sentido a tese do meu amigo. Aliás, há tempos não o vejo, o... o... Como é mesmo o nome dele, gente? Aníbal, não. Átila, não... É um nome assim meio histórico... Desculpem aí, vou ter que espionar na agenda do meu celular.



Celpe Bras

INEP

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

